

## ARTE CONTEMPORÂNEA E ESTÉTICA RELACIONAL: REFLEXÕES PARA O ENSINO DA ARTE

**Andreia Regina Bazzo**

Instituto Federal catarinense  
andreiabazzo@yahoo.com.br

**Carla Carvalho**

UNIVALI  
ca.carvalho@terra.com.br

### O ensino da arte: provocações sobre conteúdos contemporâneos

O ensino da arte, a partir dos anos de 1980, com a utilização da imagem em sala de aula, abre caminho para um pensar diferente sobre o que seria a arte na educação. De caráter técnico, ela passa a ser compreendida como cultural e artística. Amplia-se, assim, a compreensão da relevância da arte no contexto escolar. Nesse percurso de mudanças curriculares e entre tantas alterações acerca dos fundamentos metodológicos, um aspecto que se mantém bastante presente são os conteúdos marcados aos consagrados movimentos artístico-históricos. Essa reflexão e provocação faz-nos pensar: De que

maneira podemos pensar em incluir e potencializar a presença da produção artística contemporânea, que causa estranheza para o público, nas aulas de arte?

Para que a “nova” arte - que não propõe nem morte, nem sugere definições -, tenha espaço nas aulas de arte, precisamos da formação com vivências estéticas de docentes e alunos(as). Precisamos construir, des-construir e re-construir o contexto e a compreensão do que vem a ser arte em nosso tempo (THISTLEWOOD, 2005, p. 114). Não são apenas as imagens que selecionamos que encaminham uma educação da arte fundamentada em uma visão de ensino da arte pós-modernista de Efland (2005). A mudança e os contrastes presentes na natureza da arte, na visão de progresso, na compreensão de vanguarda, tendências estilísticas e universalismo versus pluralismo, implica em entender o ensino da arte com espaço para a comunicação e interação entre professor(a), aluno(a) e objeto de arte.

### Estética Relacional

No primeiro trecho de seu livro, *Estética Relacional*, Borriaud (2009, p. 9) questiona: “Quais são os verdadeiros interesses da arte contemporânea, suas relações com a sociedade, a história, a cultura?”. Uma abordagem corajosa e desafiadora do ensino dos temas da arte contemporânea provoca multirrelações que desencadeiam em construções críticas sobre nossa sociedade, nossa história e nossa cultura. O(A) professor(a) seguro(a) de como mediar a temática incerta e, por isso, mesmo disponível para diversos olhares, arrisca-se nesse universo relacional e alerta o(a) aluno(a) de que ele(a) não irá ter as respostas corretas e definitivas. Borriaud (2009) trata, assim, da comunicação e dos encontros entre pessoas:

Hoje, a comunicação encerra os contatos humanos dentro de espaços de controle que decompõem o vínculo social em elementos distintos. A atividade artística, por sua vez, tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados. As famosas “auto-estradas de comunicação”, com seus pedágios e espaços de lazer, ameaçam se impor como os únicos trajetos possíveis de um lugar ao outro no mundo humano. (BORRIAUD, 2009, p. 11).

Borriaud (2009, p. 12) ainda questiona: “[...] será ainda possível gerar relações no mundo, num campo prático – a história da arte - tradicionalmente destinado à ‘representação’ delas?”. A arte que falamos aqui não é espetacular, ela propõe utopias e foge da padronização de comportamentos. De qual realidade podemos falar hoje? O que levamos para nossas aulas? E o que nossos(as) alunos(as) levam para fora de nossas aulas que pode sensibilizá-los(as) para o mundo? Borriaud afirma que “a arte é um estado de encontro fortuito”. Encontro do acaso, que se duradouro fundamenta a estética relacional, teoria da forma. A forma nasce “[...] do desvio e do encontro aleatório entre dois elementos até então paralelos para criar um mundo, esse encontro deve se tornar duradouro, se unificar numa forma” (BORRIAUD, 2009, p. 27). Esse nascimento proporciona novas possibilidades de vida.

Dessa maneira, ao utilizar a estética relacional para estabelecer possíveis olhares sobre a arte contemporânea, o docente mantém o espaço de novas criações e perspectivas, aproveitando a participação dos discentes e não atribuindo valores e categorias ao objeto de arte. Seu conhecimento não é apresentado como única verdade e ele(a) não precisa apresentar as produções de maneira cartesiana. Para Bourriaud (2009), a elaboração de significado com a estética relacional permite experiências coletivas com o uso de experiências individuais. Assim, a obra constitui-se com a participação do público.

### Arte Contemporânea

O público ao encontrar-se com o objeto de arte procura em suas memórias, hábitos e experiências “[...] tentar aplicar um julgamento estético, ou, na falta dele, poder ao menos se encontrar” (CAUQUELIN, 2005, p. 9). Dessa maneira, professores(as) e alunos(as) tentam atribuir significados a uma arte propositalmente híbrida e incerta.

Até a arte moderna havia uma possível ordem para as manifestações artísticas, se a olharmos com olhos que categorizam, definam e busquem generalizações. Dessa categorização selecionávamos para os conteúdos as características de um período, o nome de um artista que era o representativo do movimento e outras definições categóricas. No entanto, são as vivências com a arte que acalentam as experiências

estéticas de docentes e alunos(as) e que, dentro da educação, acham um bom lugar de encontro para a reflexão, a des-construção e a re-construção (THISTLEWOOD, 2005).

Anne Cauquelin constata a entrada na arte contemporânea o instante em que a sociedade passa do consumo para a comunicação. Essa mudança de perspectiva aparece nas produções dos artistas - “[...] as práticas artísticas absorvem bem essa modificação, mas não suscitam nenhum comentário que as leve em conta para reformular os princípios de seu exercício” (CAUQUELIN, 2005, p. 56). Ainda, segundo a autora, essa comunicação, na atualidade, estabelece contatos em rede.

Em termos de comunicação, a rede é um sistema de ligações multipolar no qual pode ser conectado um número não definido de entradas, cada ponto da rede geral podendo servir de partida para outras microrredes. Isso é o mesmo que dizer que o conjunto é extensível. Nesse conjunto, pouco importa a maneira pela qual se efetua a entrada. (CAUQUELIN, 2005, p. 59).

Essa nova linguagem altera nossa visão real. Um dos caminhos para entendê-la é potencializar o ensino de estudos com foco na produção contemporânea da arte, em suas diversas manifestações e entender que essa mudança na qualidade da comunicação, que a arte contemporânea estabelece com seu público, é um espaço de preenchimento. E esse preencher deve ser construído de forma crítica e com a compreensão da importância da comunicação na sociedade atual. “A realidade da arte contemporânea se constrói fora das qualidades próprias da obra, na imagem que ela suscita dentro dos circuitos de comunicação” (CAUQUELIN, 2005, p. 81).

Se o estranhamento e a incompreensão afastam o público, como instigar esse encontro entre a arte contemporânea e a educação? Toda a sociedade produz, segundo Bauman (1998), os estranhos que geram um mal-estar. Assim, existem duas maneiras modernas de lidar com o estranho: ou você os assimila ou você os repele - é a estratégia de “[...] bani-los dos limites do mundo ordeiro e impedi-los de toda a comunicação com o lado de dentro” (BAUMAN, 1998, p. 29). Na chamada pós-modernidade, os estranhos não vieram para serem aniquilados, eles vieram para ficar. Dessa maneira, não podemos relutar diante da estranheza - ela estará lá, o mediador em arte deve confrontá-la e procurar proposições para trabalhar com ela.

Analisar a obra de arte não é mais um sistema que pretende apreender conteúdos de arte. “Estado contemporâneo significa que esse sistema não é mais o sistema que prevaleceu até recentemente; ele é o produto de uma alteração de estrutura de tal ordem que não se podem mais julgar nem as obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema” (CAUQUELIN, 2005, p. 15). Como olhar para essas obras e utilizar esse olhar também para obras de arte do passado e buscar novas possibilidades de análise?

A estética relacional pode fazer essa conexão ao propor que encontros fortuitos, entre um professor, um aluno e uma obra, criem novos mundos, novos espaços de diálogo com a arte. Aproximar a leitura da arte, a sua relação com o mundo, aproximar o espaço de diálogo oferecido pelos objetos contemporâneos da arte com a possibilidade de descobertas. Esses são percursos que unem a estética relacional e o ensino da arte contemporânea.

### Considerações finais

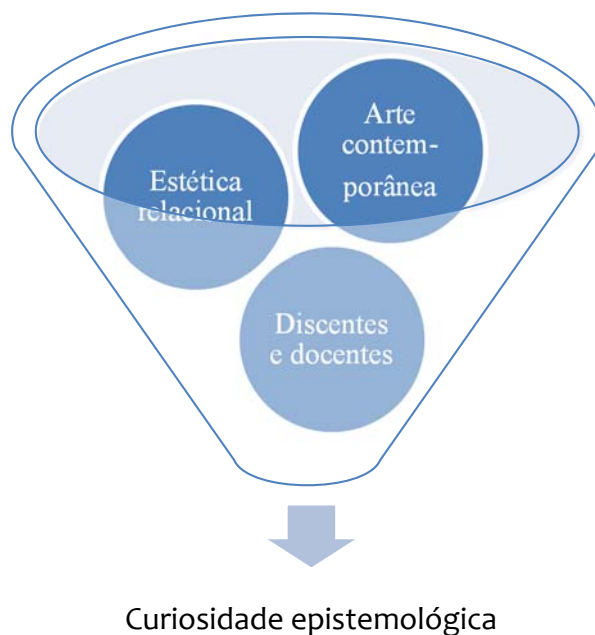
A entrada da arte contemporânea nas aulas de arte provoca movimento do docente e do discente. No docente provoca-o a procurar maneiras de tratar os temas de nosso tempo. Os olhares ampliam-se para questões de gênero, narrativas múltiplas, participação cultural, pluralidades, entre tantos caminhos possíveis.

A partir da estética relacional compreende-se a relevância de “[...] julgar as obras de arte em função das relações inter-humanas que elas figuram, produzem ou criam, dar possibilidade para o diálogo com a obra”. (BORRIAUD, 2009, p. 151). O ensino dos temas da arte contemporânea solicitam possibilidades de completar a obra e, nesse movimento que marca a arte de nosso tempo, os docentes, ao trabalhar com a arte contemporânea, inserem a discussão da produção artística atual em um contexto que considera que a sociedade, hoje, é provocada pela comunicação.

A escolha entre estética relacional, a concepção de arte contemporânea e o ensino da arte procura refletir acerca de maneiras de tratar o tema em aula de arte. Fundamenta a possibilidade de integrar olhares dos alunos(as), docentes e obra sem anular suas

vivências e o posicionamento histórico. Podemos tentar equacionar essa rede de conceitos conforme a Figura 1:

Figura 1 – Interrelações entre estética relacional e ensino da arte contemporânea



Fonte: Elaborada pela autora com base em Borriaud (2009), Cauquelin (2005) e Freire (1996).

Pensar o que esperamos dessa união remete às novas descobertas motivadas pela curiosidade epistemológica de que fala Paulo Freire (1996), gerada pelo pensar metodológico e pela relação entre docentes e discentes em uma proposta que articule conceitos e abra olhares sensíveis para o ensino da arte contemporânea.

### Referências

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

EFLAND, Arthur D. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num mundo pós-moderno. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae. (Orgs.). **O Pós Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

THISTLEWOOD, David. Arte contemporânea na educação, construção, des-construção, re-construção, reações dos estudantes britânicos e brasileiros ao contemporâneo. In: BARBOSA, Ana Mae. (Orgs.). **Arte/Educação Contemporânea Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.